

Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba

Marco Antônio de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

This paper is an attempt to reanalyse the process of final (r) deletion in Portuguese nominals according to the Lexical Diffusion Model. This analysis considers not only structural factors, mainly the lexical item, but also the individual as an important factor in the spread of the process, according to Shen (1990). Evidence is provided to show that the idea advanced in Oliveira (1991), that all sound changes are instances of lexical diffusion processes, is superior to the analysis provided by Oliveira (1983), cast in the Neogrammarian Model, for the same process.

1- INTRODUÇÃO

Em outubro de 1992 tivemos a visita do Prof. William Labov ao Brasil. Foi uma visita curta, de apenas cinco dias, mas foi uma visita bastante proveitosa. Durante esse encontro de cinco dias, sediado no campus da PUC-RJ, o Prof. Labov pôde estar em contato com vários pesquisadores brasileiros, orientando-os em seus projetos individuais e participando de uma série de encontros. Esses encontros foram organizados de tal forma que todos puderam expor suas idéias e discuti-las com o Prof. Labov, além de ouvir o que ele tinha a dizer sobre o assunto. E o assunto em questão era a difusão lexical, como modelo descritivo e explicativo para as mudanças sonoras. Em resumo, podemos dizer que por quase 30 anos o modelo da difusão lexical vem sendo oferecido como alternativa para a análise de vários fenômenos de mudança sonora, em várias línguas do mundo, em lugar de uma abordagem no estilo neogramático. A posição de Labov, com relação à difusão lexical, sofreu alterações sensíveis no período entre seu trabalho de 1981 e seu trabalho de 1994 (que já estava pronto em 1992). Ou seja, em 1994 Labov se colocava, de modo claro, numa posição não-difusionista (cf. Labov, 1994:421-543), tendo mesmo oferecido análises alternativas para fenômenos de mudança sonora que antes eram vistos como possíveis casos de difusão lexical. O mesmo acontecia, na ocasião, com vários lingüistas brasileiros que, nesse encontro, procuravam oferecer análises de cunho neogramático a problemas que outros haviam analisado como sendo de caráter difusionista. Em resumo, em outubro de 1992, os difusionistas estavam em clara desvantagem numérica no encontro do Rio. Mesmo assim, alguns “difusionistas” (que, como eu, foram assim rotulados durante esse encontro) acabaram por apresentar seus trabalhos e suas opiniões, ainda que divergentes da opinião de Labov. Na ocasião, portanto, apresentei as minhas idéias a respeito da divergência entre as

abordagens neogramática e difusionista, favorecendo esta última, com base em dados que envolviam o fenômeno do alçamento das vogais médias pretônicas. E foi durante minha exposição que eu acabei sendo posto em xeque por Labov que, após ouvir o que eu tinha a dizer, me perguntou, muito simplesmente, como é que as minhas idéias, naquele momento, se casavam com a análise que eu havia proposto, doze anos antes, em minha dissertação de doutoramento, para o cancelamento do (r) em português. Na verdade, minha análise do cancelamento do (r) havia sido totalmente moldada numa abordagem neogramática e, portanto, o mínimo que eu poderia fazer, então, era mostrar que o fenômeno não apenas poderia ser reanalisado em termos difusionistas, mas também que uma análise difusionista era superior a uma análise neogramática. No momento da pergunta, pude dar uma resposta satisfatória para 3/4 do problema (para o cancelamento do (r) interno e para o cancelamento do (r) final nos verbos, que são casos que retomarei mais adiante, e para a vocalização do (lh)), mas, confesso, havia boa parte de meus dados (o 1/4 restante, relativo ao cancelamento do (r) final dos nominais, um processo de frequência relativamente alta no português brasileiro) que iriam exigir um estudo detalhado numa outra perspectiva. Foi esta, portanto, a razão primeira que me levou a retomar os dados contidos em Oliveira (1983), reanalisando-os numa perspectiva difusionista.

Antes de entrar propriamente no relato dos resultados, quero colocar aqui quais eram/são as minhas idéias com relação ao modelo da difusão lexical, idéias essas publicadas em três trabalhos anteriores.

- A) Em Oliveira (1991:103), sugeri que **todas** as mudanças sonoras são de natureza difusionista, não havendo, portanto, processos de natureza neogramática (muito embora possamos ter efeitos neogramáticos a longo prazo como, p.ex., uma regularidade no processo em questão).

“...I will say that *all* sound changes are lexically implemented, that is, there are *no* neogrammarian sound changes (although we can have neogrammarian long-term end results).” (p.103)

Esta é, evidentemente, uma hipótese muito forte para os casos de mudança sonora e foi, sem dúvida, a afirmação que mais causou controvérsias entre os pesquisadores brasileiros interessados em mudança sonora. Na verdade as pessoas freqüentemente me apontavam o fato de haver muita coincidência de efeitos fonéticos sobre um processo de mudança, o que acabava forçando uma análise neogramática clássica.

B) Para responder à crítica acima, sugeri, em Oliveira (1992: 33-35), que o contexto fonético atua somente *a posteriori*, fixando relações harmônicas entre os elementos envolvidos numa mudança sonora, e não *a priori*, como condicionador/disparador de uma mudança. Minha tentativa aqui era a de recuperar algum sentido para o termo “efeito fonético”, sem abrir mão daquilo que me parecia óbvio demais, ou seja, o fato de uma mudança sonora se difundir lexicalmente.

C) Nesse mesmo trabalho sugeri também que “*o comportamento do indivíduo é mais homogêneo do que o comportamento do grupo*” (p.39) e que “*o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais*” (p.40). Meu objetivo aqui era, portanto, o de acrescentar à dimensão lexical uma dimensão individual para as mudanças sonoras. Esses três pontos serão retomados na seção 2.

2- O PROBLEMA ESTUDADO

2.1. O quadro teórico

Na discussão estabelecida na literatura entre os modelos neogramático e difusionista, um dos problemas centrais é exatamente o do papel do léxico nas mudanças sonoras. Deixando de lado os detalhes analíticos, podemos dizer que a questão não gira em torno de se o léxico conta ou não conta na mudança sonora, ou de se há ou não há alguma influência do contexto fonético na mudança sonora.

Embora as análises de inclinação neogramática privilegiem o efeito fonético na implementação de uma mudança sonora, enquanto que as análises de inclinação difusionista privilegiam um controle lexical, não podemos dizer que nenhuma análise séria, independentemente de seu sabor neogramático ou difusionista, ignore as razões do modelo oposto. Por exemplo, por mais neogra-mática que seja a análise, ninguém irá dizer, seriamente, que todas as palavras de uma determinada classe de palavras tenham sido alteradas ao mesmo tempo por uma regra do tipo

$$\mathbf{X} \rightarrow \mathbf{Y} / \text{_____} \mathbf{Z}$$

Do mesmo modo, por mais difusionista que seja uma análise, não há como ignorar que certas ‘coincidências’ fonéticas sejam coincidentes demais para serem ignoradas. Na verdade, a diferença entre as duas abordagens, naquilo que se refere ao papel do léxico nas mudanças sonoras (e não em relação a outros aspectos), se resume na ordenação relativa dos efeitos lexical e fonético. Por exemplo, é interessante observar que os lingüistas de inclinação neogramática resistam à idéia do léxico como controlador primário de uma mudança sonora, mas não à idéia de que, uma vez disparada, a mudança possa ser implementada lexicalmente. Do mesmo modo, nenhum trabalho de inclinação difusionista dirá que o contexto e/ou o efeito fonético não deva(m) ser levado(s) em conta; o que não se aceita é que eles sejam uma explicação para uma determinada mudança sonora. Pode-se dizer, portanto, que a diferença básica entre os dois modelos analíticos reside na escolha do controlador principal e do controlador secundário de uma mudança: para o modelo neogramático temos 1º) Fonético > 2º) Lexical, enquanto que para o modelo difusionista temos 1º) Lexical > 2º) Fonético.

Estou assumindo, neste trabalho, um modelo idêntico, em essência, àquele proposto por Chen & Wang (1975): a mola mestra de uma mudança sonora deve ser buscada nos dispositivos fisiológicos e perceptuais dos falantes, enquanto que sua implementação

se dá por difusão lexical. O que eu estou chamando de “mola mestra”, numa tradução não muito feliz, é aquilo que Chen & Wang chamaram de ‘actuation’. E a questão aqui envolve um problema bastante específico: nas palavras de Chen & Wang,

“...why does a sound system change the way it does? What, in other words, determines its pattern, direction, and pace?” (p.264)

A resposta que os autores dão a esta questão, em dois momentos de seu texto, é a seguinte:

“It is at least plausible to suspect that the answer may be found in the physical properties of the speech sounds.” (p.270)

e

“As for the actuation aspect of sound change, we have reason to believe that it is mainly the concrete, phonetic properties of speech sounds that trigger or allow changes to take place in the sound system, and determine their subsequent development.” (p.278)

É bom notar que as referências feitas pelos autores às propriedades fonéticas nada têm a ver com contexto fonético ou algo parecido; elas se referem, isto sim, às propriedades intrínsecas dos sons individuais.

Assumi, portanto, que cada som é uma mudança *em potencial*, pelas suas propriedades individuais. Estas propriedades são de natureza fisiológica e perceptual. Assim sendo, teremos sons mais propensos do que outros às mudanças. Uma vez concretizada uma mudança, ela se implementará lexicalmente.

Note-se, contudo, que há um espaço entre estas duas fases, a da concretização de uma mudança e a de sua implementação lexical: afinal, por onde foi que esta implementação começou no léxico? Qualquer item poderia ter sido igualmente atingido na primeira leva? Todos os falantes agem do mesmo modo na implementação de uma mudança através do léxico?

Se, por um lado, o papel do item lexical já foi consideravelmente examinado na literatura sobre mudança sonora, por outro lado o

papel do indivíduo tem sido, de modo geral, ignorado. Aliás, numa abordagem sociolingüística laboviana clássica, o papel do indivíduo não interessa muito; o que interessa é o comportamento do grupo que, segundo Labov, é muito mais homogêneo.

Num texto de 1990, Shen retoma a questão do papel do indivíduo, prevendo variação considerável não apenas no léxico mas também entre os indivíduos. Conforme escreve Shen (1990: 160)

“...if (a change) affects the underlying phonological system, is indeed through the lexicon, and at the same time the process of lexical diffusion spreads through the population as well. Thus, in a sound change, there is not only considerable variation in the lexicon, but also among and within individuals.”

e (1990:166)

“Therefore, it is very likely that a different word will change its phonological category from A to B in a quite different time by its learners. What is observed is that lexical irregularity appears. Along the social dimension, because of various language environments, while one individual has changed the phonological identity of a word, at the same time many others may still keep the original one. What is observed is that variation emerges.”

As conseqüências da afirmação de Shen são óbvias: se considerarmos o indivíduo acabaremos por observar um comportamento muito mais homogêneo, com um mínimo de variação. A variação seria encontrada, então, **na interação** entre os indivíduos.

Conforme escreve Shen (1990:177)

“Since communication occurs between all the members of a society, more often the variations of one word are observed between different individuals. Thus, the main body of the variation of a word can be considered as the variation among individuals.”

Portanto, a pergunta que podemos fazer neste ponto é a seguinte: no exame de um fenômeno de mudança (sonora), as melhores correlações serão feitas entre o fenômeno em questão e indivíduos isolados,

ou entre o fenômeno em questão e grupos de indivíduos? Ou seja, podemos, ou não, afirmar que a contribuição do indivíduo para um fenômeno seja mais significativa do que a contribuição do grupo?

2.2 - A variável selecionada para a análise

Este trabalho seleciona para análise a variável (r), que representa o cancelamento variável do (r) em final de sílaba, em palavras como *cantar*, *cantar* e *mãmore*. Os dados considerados são retirados de 24 entrevistas (igualmente divididas pelos 2 sexos: M e F ; 3 faixas etárias e 4 grupos sociais: F-favela, T-trabalhadora, M-média baixa e A-média alta)) elaboradas durante meu trabalho de campo de 1978, material este que serviu de base para minha dissertação de doutoramento e que, portanto, deveria ser reexaminado, tendo em vista o desafio que me foi colocado pela pergunta de Labov, em 1992.

O instrumental estatístico utilizado foi o programa VARBRUL, com a utilização ocasional do SYSTAT para casos que eu pretendia checar através de outras medições (análises de variância, testes de significância, etc).

3- RESULTADOS DA ANÁLISE

3.1- O cancelamento do (r) interno

Estes casos, assim como os casos do (r) final em Verbos (V. seção 3.2) não estavam previstos no projeto original e, portanto, acabei trabalhando por amostragem, devido ao grande número de (r)'s que podem ser encontrados nas transcrições utilizadas. Assim sendo, utilizei apenas os 20 primeiros dados de cada um dos informantes, num total de 480 dados. A única palavra que aparece com uma certa freqüência nos dados de todos os informantes é a palavra *porque* (que constitui cerca de 21% dos dados, com 102 casos)

que, ainda assim, não pode ser utilizada para comparações uma vez que ela tem uma composição morfológica no mínimo ambígua (temos {porque} ou {por+que?}), além de ter um comportamento diferenciado, com cerca de 35% de perda do (r), (o que a deixa mais perto do cancelamento do (r) final em Nominais, que apresenta, no geral, cerca de 33% de cancelamento), quando a frequência média de cancelamento do (r) interno, incluindo os casos de *porque* na contagem, é de cerca de 12% ! Assim, em 480 casos de (r) interno, encontramos apenas 58 casos de cancelamento (12.08%), sendo que destes 58, 35 são casos de *porque*. Se eliminarmos estes casos ficamos, ao final, com 378 casos e 23 cancelamentos, o que nos leva a uma frequência de apenas 6.08%, dando ao fenômeno um caráter de fenômeno incipiente. Assim sendo, para que meus objetivos pudessem ser alcançados, eu teria que dispor de um volume muito maior de dados, para que a comparação entre indivíduos pudesse ser feita.

3.2- Cancelamento do (r) final em verbos

Este caso também foi retomado e acabou comprovando uma sugestão que eu havia feito em Oliveira (1991): fenômenos muito antigos (e este caso já está presente na língua há, pelo menos, 500 anos! Cf Teyssier, 1959: 231-237) podem acabar apresentando, ao seu final, uma “regularidade” neogramática. E é exatamente este o caso aqui. Nos 480 casos de (r) final em verbos (20 casos por informante), temos 458 cancelamentos, num total de 95.4%, o que torna o processo quase categórico. Ou seja, parece não fazer muito sentido em se falar de uma regra que cancele (r)’s finais em verbos. Neste caso o VARBRUL rejeitou todos os grupos de fatores, estruturais (como vogal precedente, ambiente seguinte, etc) e não-estruturais (idade, sexo, classe, etc), como significativos para o processo de cancelamento. A Figura 1 ilustra o que temos aqui.

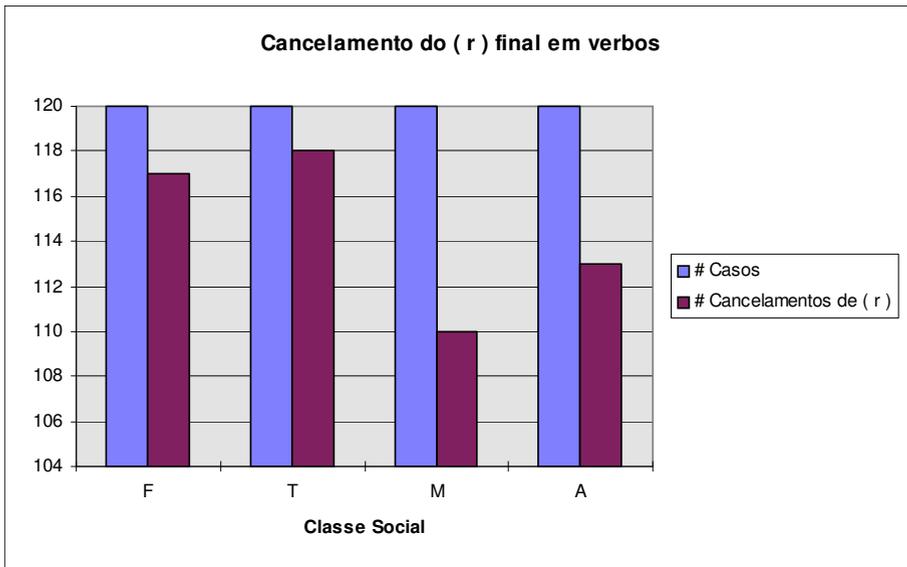


Figura 1 – Cancelamento do (r) final em verbos

Em outras palavras, é como se o (r) final realmente não mais existisse nos verbos (Cf. Pontes,1973).

3.3- Cancelamento do (r) final em nominais

3.3.1- Fazendo as perguntas

Este é, na verdade, o fenômeno principal que examinamos aqui. O cancelamento de (r) final em nominais é um fenômeno de cerca de 150 anos de idade (Cf. Silva Neto, s/d: 23), não sendo, portanto, nem tão antigo quanto o cancelamento do (r) final em verbos, nem tão incipiente quanto o cancelamento dos (r)'s internos (que foi apontado pela primeira vez em Jucá-Filho (1939)). Portanto, através do exame deste caso eu poderia tentar responder a duas perguntas básicas:

- a) É possível sustentar a proposta de que toda mudança sonora se implementa lexicalmente (cf. Oliveira 1991:103)?
- b) O indivíduo é um fator importante na implementação de uma mudança (Cf. Oliveira 1992: 40) ou o grupo de indivíduos é um fator mais interessante para o entendimento do processo? Conforme já vimos anteriormente, o comportamento diferenciado entre indivíduos e dentro de cada um dos indivíduos (se considerarmos a possibilidade de indivíduos diferentes trabalharem com listas lexicais diferentes em pontos diferentes do tempo) é uma possibilidade que outros pesquisadores, como Shen (1990), já tentaram avançar.

3.3.2- Tomando decisões

No caso do (r) final em nominais, trabalhei, inicialmente, com um total de 1096 dados. No entanto, para que os experimentos fossem feitos com o máximo de controle, alguns desses dados tiveram que ser abandonados de forma a permitir uma comparação justa entre os informantes considerados. Assim, acabei eliminando dos cálculos finais os dados relativos aos seguintes casos:

- a) Dados oriundos dos testes de leitura, que foram desconsiderados por não poderem ser analisados para todos os informantes, já que os informantes analfabetos (vários do grupo F(avela)) não puderam ser submetidos a esses testes, e por não apresentarem cancelamento de (r) nos testes dos informantes das classes T(rabalhadora), M(édia Baixa) e A(Média Alta). Como meu interesse maior não se colocava nem na determinação de uma regra de cancelamento, nem nos seus aspectos estilísticos (definidos da maneira laboviana), simplesmente descartei os dados ocorridos fora da situação de conversa.
- b) Dados que ocorreram na fala de um único informante. São vários os casos deste tipo, com palavras como *bilhar*,

batedor, pulpar, Palomar, pulmonar, monsenhor, estupor, quadrimotor, Minister, tambor, carburador, e muitas outras, bem como nomes próprios como *Gaspar, Nadir, Peicher, Eimar, Teomar*, e outros.

- c) Dados que ocorreram uma única vez no corpus. Estão nesta categoria alguns dos casos listados em (b), como *bilbar, Peicher* e *Teomar*, bem como casos do tipo de *secular, corretor, trocador, circular e trator*, entre outros.¹
- d) Dados que, embora tivessem ocorrido muitas vezes no *corpus*, tivessem ocorrido majoritariamente na fala de um mesmo informante. Este é o caso da palavra *senhor* que, embora tivesse ocorrido 68 vezes no *corpus*, ocorreu 26 vezes na fala de um dos informantes e 28 vezes na fala de outro, ou seja, apenas dois informantes são responsáveis por 79.4% das ocorrências desta palavra. É óbvio que casos como este não se prestam a uma análise adequada, pois não vão nos dizer muita coisa com relação ao processo como um todo.

Os critérios de (a) até (d) acima acabaram por tirar de circulação um grande volume de palavras (355, o que representa 32.4% do total inicial de 1096 palavras), restando apenas 741 palavras para as análises finais. Contudo, esta redução no número de casos pôde ser compensada por um controle maior dos casos que ficaram, o que me permitiu ter mais certeza das afirmações que puderam ser avançadas a partir da análise quantitativa.

Os 741 dados utilizados nas etapas finais foram reanalisados, inicialmente, pelo VARBRUL, passando, posteriormente, por algumas análises do SYSTAT para que pudéssemos checar com mais detalhe alguns outros aspectos.

Na análise do VARBRUL, algumas novidades foram introduzidas. A primeira delas diz respeito à introdução de um grupo de fatores onde cada informante aparecia como um fator independente. Mantivemos, contudo, grupos de fatores clássicos onde os informantes são

agrupados (como, p. ex., Faixa Etária, Sexo e Classe Social), tendo o cuidado, no entanto, de promover rodadas do programa onde estes grupos são considerados em separado. Por exemplo, é óbvio que cada informante pertence a uma determinada faixa etária, a um determinado sexo e a uma determinada classe social. Assim sendo, para se examinar melhor o efeito dos informantes, individualmente, foi preciso promover rodadas onde este grupo aparecia isolado dos outros 3. Se não fizessemos isto teríamos, infalivelmente, o grupo dos informantes individuais apontado como sendo mais significativo do que qualquer um dos outros 3. Só que, neste caso, uma maior significância de um dos grupos estaria sendo dada não por ela existir de fato, mas por um defeito da análise. A segunda novidade foi a introdução de um grupo de fatores para as palavras individuais. É claro que isto só pôde ser feito nos passos finais da análise, quando as palavras já estavam divididas em blocos (blocos estes que foram determinados em função da frequência de ocorrência das palavras individuais).

Outros fatores considerados foram o Estilo de Fala (Formal e Informal), a Tonicidade da Sílabas Final (Tônico, como em *qualquer*, ou Átono como em *super*), a Vogal Precedente, a Classe da Palavra (nome, adjetivo, outros) e o Contexto Fonético Seguinte (consoante, vogal e pausa). Já nas primeiras rodadas o VARBRUL apontou como não-significativos os seguintes grupos de fatores: Tonicidade da Sílabas Final (onde a esmagadora maioria é constituída por sílabas tônicas), Vogal Precedente e Classe de Palavra. Destes, portanto, não vamos tratar aqui.

3.3.3- Respondendo a perguntas

A primeira pergunta que fizemos foi sobre a possibilidade de se manter a idéia de que todos os fenômenos de mudança (sonora) se implementam lexicalmente. Conforme já dissemos, o caso do (r) final em nominais é um caso privilegiado por se tratar de um fenômeno fonológico razoavelmente bem conhecido, e por não ser nem incipiente nem terminal.

Para examinar esta questão dividi as palavras que restaram no *corpus* em blocos, diferenciados pelo número de ocorrências de cada uma delas. Num primeiro bloco deixei apenas aquelas palavras que apresentaram um número de casos superior a 30. Nesta categoria estão 5 palavras: *lugar* (61 casos), *qualquer* (61 casos), *mulher* (46 casos), *maior* (42 casos) e *melhor* (39 casos). Neste primeiro grupo, o número de informantes envolvido foi de 20. A frequência de cancelamento do (r) nestes casos, bem como a probabilidade de cancelamento são as seguintes:

	<u>%</u>	<u>P</u>
Qualquer	54.1	.76
Mulher	41.3	.47
Lugar	40.9	.47
Melhor	33.3	.41
Maior	28.5	.29

Como se pode ver, estas palavras não têm comportamento semelhante, nem freqüencialmente, nem probabilisticamente. E mais, durante as rodadas de *step up* e *step down*, este grupo, juntamente com os grupos da Estilo de Fala e Informantes, foi selecionado como sendo significativo (o que não aconteceu, p.ex., com Classe Social, Sexo, Idade e Contexto Fonético Seguinte). Isso sugere, portanto, que o cancelamento do (r) final em nominais está se implementando lexicalmente. Mas vejamos o que foi que aconteceu no segundo bloco de palavras, onde juntei as palavras com ocorrência entre 10 e 30 casos. Este segundo grupo já não é tão interessante quanto o primeiro, uma vez que quanto menor o número de ocorrências, maior o número de informantes que acaba ficando de fora. Mesmo assim, tivemos aqui o envolvimento de 9 informantes. As palavras deste grupo, juntamente com a frequência e a probabilidade de cancelamento do (r) final em cada uma delas são as seguintes:

	<u>%</u>	<u>P</u>
Menor	55.5	.79
Professor	46.1	.60
Pior	29.4	.47
Doutor	14.2	.44
Voador	37.5	.39
Interior	00.0	—
Vestibular	00.0	—

Em primeiro lugar, note-se que duas das palavras em questão, *interior* e *vestibular*, simplesmente não apresentaram cancelamento nos dados deste corpus, muito embora as ocorrências de ambas sejam muito bem distribuídas pelos 4 grupos sociais: das 11 ocorrências de *interior* temos 2 na classe Média Alta, 3 na classe Média Baixa, 4 na classe Trabalhadora e 2 na Favela; já na palavra *vestibular* temos 4 ocorrências na classe Média Alta, 3 na classe Média Baixa e 3 na classe Trabalhadora, num total de 10 ocorrências. Portanto, independentemente do grupo social, estas palavras não apresentam cancelamento do (r). Já para as outras 5 palavras temos *menor* (11 casos) na liderança, seguido de *professor* (15 casos), *pior* (27 casos), *doutor* (23 casos) e *voador* (24 casos). A propósito, é possível notar aqui que não são necessariamente as palavras mais freqüentes que apresentam as maiores possibilidades de cancelamento. E, novamente, os dados nos autorizam dizer que a sugestão feita em Oliveira (1991: 102), de que não são necessariamente as palavras mais freqüentes aquelas que são mais atingidas por um processo fonológico, parece se sustentar confortavelmente.

O terceiro bloco de palavras é constituído por palavras com menos de 10 ocorrências. Trata-se do bloco menos interessante, como um todo, por deixar pouca margem para um controle mais apertado dos dados. Mesmo assim ele contém informações valiosas. Por exemplo, há palavras que *sempre* aparecem sem o (r): é o caso de *revólver* (7 ocorrências), *açúcar* (4 ocorrências) e *trabalhador* (4 ocorrências), enquanto que outras *nunca* aparecem sem o (r) final,

como *maxilar* (5 ocorrências), *favor* (4 ocorrências) e *escolar* (4 ocorrências). A propósito, alguém poderia pensar que casos como *revólver* e *açúcar* **sempre** apresentam ausência de (r) por este estar em sílaba átona. Contudo, isso não se sustenta, uma vez que casos como *dólar* (4 ocorrências) e *super* (5 ocorrências) **sempre** apresentam o (r) numa sílaba igualmente átona. De qualquer forma, todos os casos de átonos acabaram excluídos da análise final, conforme já comentamos antes. Por outro lado, o caso de *trabalhador*, com 100% de ausência do (r), merece um comentário. Em Oliveira (1983) analisei casos como o de *trabalhador* (e outros como *cantador*, *matador*, *brigador*, etc) como mais propensos à perda do (r) final pelo fato de este (r) estar contido num sufixo agentivo {+dor}, este sim favorecedor do cancelamento do (r). Mas durante a pesquisa percebi que isto não é verdade, pois palavras como *prendedor* e *corretor*, que contêm o mesmo sufixo, apresentam um índice de cancelamento de 25% (1 caso em 4, em ambas), enquanto *contador* apresenta 50% de cancelamento. Ou seja, parece que o controle é mesmo lexical, podendo as listas variar de falante para falante.

Podemos passar, portanto, para a segunda pergunta: o indivíduo é um fator significante, num sentido não trivial, no processo de mudança, ou não? Se estamos afirmando que o léxico controla o fenômeno fonético, então a qual destes fatores o indivíduo é sensível, ao fenômeno fonético ou ao fator lexical?

Vamos examinar, primeiramente, os resultados obtidos no VARBRUL para o bloco das palavras com mais de 30 ocorrências. Conforme dissemos anteriormente, 20 dos nossos 24 informantes apresentaram dados neste bloco.

O primeiro dado a ser levado em consideração é o seguinte: durante o *step up* e o *step down*, os grupos de fatores selecionados como sendo significativos foram: Informante, Estilo de Fala e Palavra, sendo que os grupos de fatores Contexto Fonético Seguinte, Classe Social, Sexo e Faixa Etária foram selecionados como não-significantes para o processo. Antes de prosseguir é preciso que se entenda o modo de se lidar com os grupos de fatores marcados como não-significativos. Basicamente, há dois modos de se lidar com estes grupos de fatores:

o primeiro simplesmente elimina o bloco como um todo, enquanto que o segundo examina o peso relativo dos fatores dentro do grupo e considera-os em termos da aplicação da regra em questão. Na verdade, quando um grupo de fatores é marcado como não-significativo isto significa apenas que, com base nos dados que foram utilizados, a inclusão (ou não) deste grupo não interfere no processo, nem como favorecedor, nem como inibidor. Ou seja, entre os grupos considerados, há outros que são mais claramente relevantes. Vamos nos concentrar, então, nos indivíduos.

Entre os indivíduos considerados, são 8 aqueles que claramente favorecem o cancelamento do (r) final em nominais, sendo que 3 são da classe social Favela, 3 da classe Trabalhadora, 1 da classe Média Baixa e 1 da classe Média Alta, assim:

<u>Informante</u>	<u>Classe</u>	<u>.P</u>
P	F	.92
Q	F	.91
K	T	.81
R	F	.80
G	T	.72
C	T	.71
O	M	.70
I	A	.68

Dois outros informantes favorecem levemente o cancelamento, a saber:

L	T	.63
M	A	.58

Dois outros informantes têm peso neutro na aplicação da regra, a saber:

T	F	.50
B	A	.50

enquanto que outros 8 informantes desfavorecem a regra em graus variados:

H	M	.45
A	T	.43
D	A	.41
E	A	.39
S	F	.32
N	M	.28
F	M	.27
J	M	.05

Realmente, há alguns valores surpreendentes aqui, que fazem do grupo de fatores Classe Social um grupo pouco revelador do processo em questão. Por exemplo, se considerarmos os 5 informantes da Favela listados acima, vamos perceber que há muita oscilação nos valores atribuídos a eles: P (.92), Q (.91), R(.80), T (.50) e S (.32). Na verdade, a mesma oscilação pode ser encontrada em qualquer grupo. Um outro exemplo: B e E são irmãs, com pouca diferença de idade entre elas. No entanto, seu comportamento não é parecido. Outro exemplo: I, M e D são três engenheiros, na mesma faixa etária e com história muito parecida (na verdade, M e D eram vizinhos desde a infância), e não mostram comportamento idêntico. Por outro lado, não há como negar que haja uma concentração maior de indivíduos das classes menos favorecidas entre os que favorecem o processo e, inversamente, uma concentração maior de indivíduos de classes mais favorecidas entre aqueles que inibem o processo. Assim sendo, para testar, de outro modo, a significância de cada um destes grupos, procedemos a uma análise de variância nos dados, calculando o F-ratio para cada um destes grupos de fatores. Em ambos os casos (com rejeição da Hipótese Nula ao nível .05) os grupos, como um todo, se mostraram significantes, conforme se pode ver abaixo nas Tabelas 1 e 2, para os Informantes e as Classes, respectivamente.

LEVELS ENCOUNTERED DURING PROCESSING ARE:

SUBJECT					
7.000	8.000	9.000	10.000	11.000	12.000
13.000	14.000	15.000	16.000	17.000	18.000
20.000					

DEP VAR:DELETION N: 61 MULTIPLE R: 0.809 SQUARED MULTIPLE R: 0.655

ANALYSIS OF VARIANCE

SOURCE	SUM-OF-SQUARES	DF	MEAN-SQUARE	F-RATIO	P
SUBJECT	9.914	18	0.551	4.420	0.000
ERROR	5.233	42	0.1254-		

Tabela 1 - Significância do grupo de fatores Informante - Bloco I

LEVELS ENCOUNTERED DURING PROCESSING ARE:

CLASS			
1.000	2.000	3.000	4.000

DEP VAR:DELETION N: 61 MULTIPLE R: 0.595 SQUARED MULTIPLE R: 0.354

ANALYSIS OF VARIANCE

SOURCE	SUM-OF-SQUARES	DF	MEAN-SQUARE	F-RATIO	P
CLASS	5.366	3	1.789	10.424	0.000
ERROR	9.781	57	0.172		

Tabela 2 : Significância do grupo de fatores Classe Social - Bloco I

Estes resultados nos mostram, seguramente, duas coisas. Em primeiro lugar, eles nos mostram que realmente existe um comportamento de grupo. Por exemplo, os resultados que o VARBRUL havia dado para os fatores do grupo de fatores Classe Social foram os seguintes: F(avela): .55; T(rabalhadora): .54; M(édia Baixa): .42 e A(Média Alta): .50. Ou seja, é inegável que há uma discriminação do cancelamento por classe. Mas é inegável, também, que as diferenças entre as classes não são lá muito espetaculares; na verdade, todos os valores estão muito próximos de .50, i.e., não há grandes diferenças entre os 4 grupos. Resumindo, pode-se dizer que há um comportamento típico de cada grupo, sim, mas pode-se dizer, também, que eles não são sensivelmente diferentes entre si. Por outro lado, a segunda informação que estes números nos dão é que o indivíduo tem seu papel próprio, independente do comportamento de grupo ao qual ele pertence!

Vejamos agora o que acontece no segundo bloco de palavras, que é constituído por aquelas palavras com um número de ocorrências entre 10 e 30. Neste caso, conforme já dissemos, apenas 9 informantes puderam ser acompanhados até o final da análise. Havia outros 4 informantes nas rodadas iniciais, mas tive que removê-los, porque eles não apresentaram cancelamento em nenhuma das palavras consideradas. Estes 4 informantes são D, E, F e G, sendo os dois primeiros de classe Média Alta, o segundo de classe Média Baixa e o terceiro de classe Trabalhadora. Note-se que os informantes D, E e F já mostravam, no primeiro bloco, uma tendência ao desfavorecimento do processo, enquanto que o informante G aparecia como favorecedor do processo. Como explicar um caso destes? De acordo com Oliveira (1992), os indivíduos, assim como os dialetos, não precisam ter as mesmas listas de palavras que sofrem ou não sofrem a aplicação de uma regra. E, realmente, não têm. Neste caso, o que acontece é que os informantes D, E, F e G têm as palavras do segundo bloco na lista das palavras sem cancelamento. Já para as palavras do primeiro bloco, o informante G as colocou na lista das palavras de cancelamento forte, enquanto que os outros 3 as colocaram na lista

das palavras de cancelamento fraco.² Voltando, então, aos 9 informantes finais temos o seguinte:

<u>Informante</u>	<u>Classe</u>	<u>.P</u>
H	M	.78
B	A	.67
O	M	.66
K	T	.59
J	M	.53
I	A	.48
A	T	.26
N	M	.23
T	F	.20

Novamente, encontramos uma distribuição dos indivíduos que é, quando nada, inesperada, se estivermos raciocinando em termos de comportamento de grupo. É bastante compararmos os efeitos dos informantes B e T para vermos que o grupo de fatores Classe Social perde muito de sua força. E, de fato, os valores atribuídos pelo VARBRUL aos fatores deste grupo são os seguintes: M(édia Baixa): .51; A(Média Alta): .50; T(rabalhadora): .50 e F(avela): .44. Nem é preciso dizer que o programa excluiu este grupo de fatores, marcando-o como não-significativo. Vejamos, contudo, qual foi o F-ratio obtido, neste bloco de palavras, para os fatores Informantes e Classe Social. Na Tabela 3 temos os resultados para os informantes e na Tabela 4 temos os resultados para as classes sociais. Em ambos os casos o F-ratio é muito baixo, não nos permitindo rejeitar a Hipótese Nula. Ou seja, não temos a menor garantia de que haja alguma relação significativa, nos dados examinados, entre o cancelamento e os fatores independentes que foram considerados.

LEVELS ENCOUNTERED DURING PROCESSING ARE:					
SUBJECT					
1.000	2.000	8.000	9.000	10.000	11.000
14.000	15.000	20.000			
DEP VAR:DELETION N: 84 MULTIPLE R: 0.372 SQUARED MULTIPLE R: 0.138					
ANALYSIS OF VARIANCE					
SOURCE	SUM-OF-SQUARES	DF	MEAN-SQUARE	F-RATIO	P
SUBJECT	2.581	8	0.323	1.504	0.170
ERROR	16.086	75	0.214		

Tabela 3: Significância do grupo de fatores Informante - Bloco II

LEVELS ENCOUNTERED DURING PROCESSING ARE:					
CLASS					
1.000	2.000	3.000	4.000		
DEP VAR:DELETION N: 84 MULTIPLE R: 0.204 SQUARED MULTIPLE R: 0.042					
ANALYSIS OF VARIANCE					
SOURCE	SUM-OF-SQUARES	DF	MEAN-SQUARE	F-RATIO	P
CLASS	0.780	3	0.260	1.163	0.329
ERROR	17.886	80	0.224		

Tabela 4: Significância do grupo de fatores Classe Social - Bloco II

Podemos perceber, portanto, que neste segundo bloco de palavras a análise não pôde mostrar nenhum efeito significativo dos grupos de fatores que estamos comparando. Parece claro, no entanto, que o problema deste segundo bloco se situa na falta de dados. Se tivermos dados mais volumosos poderemos suprir esta deficiência e

tentar chegar a uma conclusão definitiva sobre os mesmos. De qualquer forma, os dados do primeiro bloco, que são mais numerosos, já foram suficientes para que pudéssemos comprovar o papel do indivíduo nos processos de mudança sonora, papel este que se mostrou mais significativo do que o papel do grupo. E, com relação ao grupo, basta considerarmos a Figura 2, abaixo, para vermos como o comportamento por classe parece um pouco caótico:

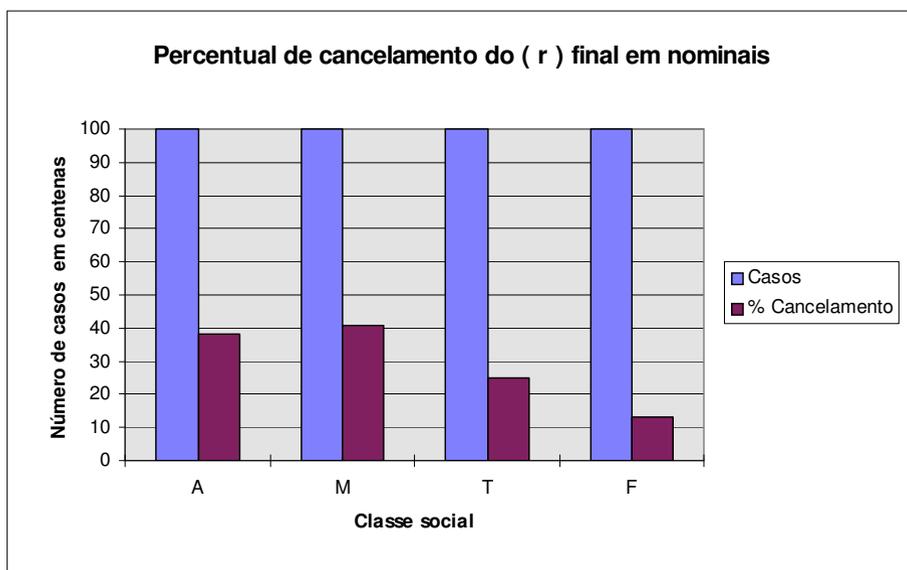


Figura 2 : Cancelamento do (r) final em nominais por classe social Bloco II

O comportamento dos indivíduos, por outro lado, só é surpreendente quando acoplamos estes mesmos indivíduos aos grupos sociais aos quais eles pertencem. Considere-se a Figura 3, a seguir:

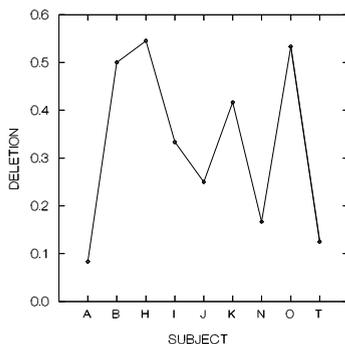


Figura 3: Cancelamento do (r) final de nominais por Informante - Bloco II

Quando observamos os grupos sociais aos quais estes informantes pertencem, sentimos uma certa estranheza em relação à Figura 3, não pelo fato de os indivíduos apresentarem comportamento diferenciado, mas pelo fato de os cancelamentos não seguirem uma estratificação social fina. A Figura 4 repete a Figura 3 num gráfico de barras, com a localização de cada um dos 9 informantes envolvidos em termos de seu grupo social:

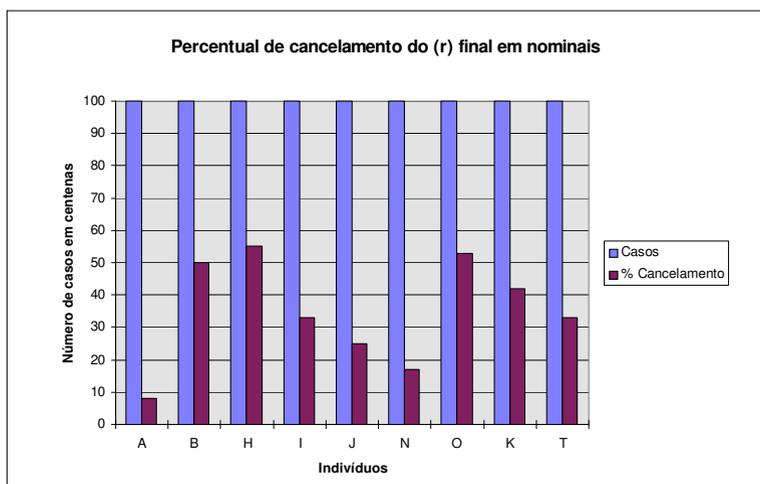


Figura 4: Percentual de cancelamento do (r) final em nominais por informantes. Bloco II.

Informante	Classe
A	T
B	A
H	M
I	A
J	M
N	M
O	M
K	T
T	F

4- CONCLUSÃO

A conclusão aqui é bastante simples. Muito embora seja necessário um maior número de dados para se esclarecer satisfatoriamente alguns pontos que ainda ficaram pendentes, fica claro que:

- a) Nominais que terminam em -r não têm o mesmo destino em termos da aplicação da regra de cancelamento de (r) no português de Belo Horizonte, sendo este um fato sem explicação num quadro de natureza neogramática. Afinal, qualquer (r) final é, em nominais neste dialeto e para os informantes examinados neste trabalho, foneticamente, idêntico a qualquer outro, e não haveria, em princípio, nenhuma razão para que eles fossem tratados diferentemente. Conforme vimos, isto se repetiu em todos os blocos de palavras e, de modo mais contundente, nos blocos I e II. Estes fatos, por outro lado, se enquadram melhor num modelo difusionista, onde a palavra, e não o som, é a unidade de mudança e, aí, cada palavra terá seu próprio desempenho, desvinculado do desempenho de outras palavras.
- b) Com relação ao comportamento dos indivíduos, os resultados sugerem que eles não são meros reprodutores do comportamento dos grupos aos quais pertencem. Na verdade,

indivíduos de um mesmo grupo social podem apresentar comportamentos completamente contrários em relação ao cancelamento do (r) final em nominais. Mesmo havendo uma certa relação entre o comportamento dos indivíduos e o comportamento do grupo ao qual eles pertencem, não podemos dizer que o primeiro seja uma função do segundo, ou vice-versa. Basta lembrar que todos os cálculos deixaram tanto o fator Indivíduo quanto o fator Grupo Social como controladores do cancelamento do (r). Certamente, este é um caso que necessitará de um número maior de dados para poder ser melhor caracterizado. Contudo, a sugestão de Shen (1990) de que a explicação para estes fatos deva ser buscada na interação entre os indivíduos se apresenta como uma excelente alternativa. E aqui, novamente, vamos precisar de dados novos, uma vez que os dados de Oliveira (1983) não informam de maneira sistemática sobre os *networks* de comunicação.

Finalizando, penso poder dizer que a análise aqui proposta é superior àquela apresentada em 1983. A razão para isto não é apenas o fato de ela caber melhor dentro das generalizações que avancei em 1991, mas, principalmente, o fato de ela revelar melhor os caminhos por onde o cancelamento do (r) vai se fixando no português.

NOTAS

¹ Se um dado ocorreu apenas uma vez na fala de vários informantes, ele não foi eliminado da análise. Casos deste tipo acabaram constituindo um dos blocos de palavras (na verdade, o menos interessante deles), mas não se enquadram nem em (b) e nem em (c).

² O leitor atento logo perceberá que há, aqui, uma relação de implicação, que não será possível explorar no momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHEN, M., W.S-Y. WANG. Sound change: actuation and implementation. *Language* 51(2):255-81, 1975.
2. *Journal of Linguistics* 21:265-79.
3. ECKERT, Penelope. Adolescent social structure and the spread of linguistic change. *Language in Society* 17:183-208, 1988.
4. FAGAN, D.S. Competing sound change via lexical diffusion in a Portuguese dialect. *Sezione Romanza* 27:263-92, 1975.
5. FIDLEHOLTZ, James. Word frequency and vowel reduction in English. *CLS* 11:200-13, 1975.
6. GUY, Gregory. Explanation in variable phonology: an exponential model of morphological constraints. *Language Variation and Change* 3: 1-22, 1991.
7. HARRIS, John. Towards a lexical analysis of sound change in progress. *Journal of Linguistics* 25:35-56, 1989.
8. HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Los Angeles: University of California, ms, 1991.
9. JUCÁ-Filho, C. *A pronúncia brasileira*. Rio de Janeiro, 1939.
10. KHRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. *Language* 54(1):1-20, 1978.
11. KIPARSKY, Paul. Phonological change. In, F. Newmeyer (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 363-415, 1989.
12. KROCH, A. S. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change* 1:199-244, 1989.
13. LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language* 57(2):267-308, 1981.
14. LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Basil Blackwell, 1994.
15. LABOV, W., M. Yeager, R. Steiner. *A quantitative study of sound change in progress*. Philadelphia: US Regional Survey, 1972.
16. LESLAU, Wolf. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word* 25:180-89, 1969.
17. LIEN, Chinfa. Bidirectional diffusion in sound change revisited. *Journal of Chinese Linguistics* 21 (2):254-75, 1993.
18. LORD, R., C.T. Zung. How does the lexicon work?. *Word* 43(3):349-73, 1992.
19. NASCIMENTO, M., M. Dillinger. The lexicon and the form of a minimalist grammar: evidence from Brazilian Portuguese. Texto inédito.

20. OLIVEIRA, M.A. *Variation and Change in Brazilian Portuguese: The Case of The Liquids*. Philadelphia: University of Pennsylvania Dissertation, 1993.
21. OLIVEIRA, M.A. Variável Lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. São Paulo, *D.E.L.T.A.* 3(1):19-34, 1987.
22. OLIVEIRA, M.A. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language* 89:93-105, Berlin, 1991.
23. OLIVEIRA, M.A. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista de Estudos da Linguagem* 1:31-41, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1992.
24. OLIVEIRA, M.A. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem* 4(1):75-91, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 1995.
25. PONTES, E. *A Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
26. SILVA NETO, S. *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, s./d.
27. SHEN, Zhongwei. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Journal of Chinese Linguistics* 18:159-201, 1990.
28. TEYSSIER, P. *La Langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.
29. WANG, W. S.-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language* 45:9-25, 1969.
30. WANG, W. S.-Y. (ed.) *The Lexicon in Phonological change*. The Hague: Mouton, 1977.
31. WANG, W. S.-Y. Theoretical issues in studying Chinese dialects. *Journal of the Chinese Language Teachers' Association* 25:1-34, 1989.
32. WANG, W. S.-Y., Chinfu Lien. Bidirectional diffusion in sound change". In, *Historical Linguistics*, Charles Jones (ed.), London: Longmans, pp. 345-400, 1993.